

O maracatu nação, também conhecido por maracatu de baque virado, é uma importante manifestação da cultura pernambucana, com uma maior presença nas áreas urbanas. Apesar de não estar diretamente relacionado com o carnaval nas suas origens, o maracatu nação figura nos dias atuais como um elemento imprescindível dos festejos de momo.

A origem do maracatu nação vem da instituição do Rei do Congo, celebração realizada na festa anual de Nossa Senhora do Rosário, em que eram coroados os reis negros eleitos entre os membros das nações, escravos ou não, que seriam substituídos quando houvesse falecimento, renúncia ou deposição.

Essa cerimônia tinha também o intuito de manter a ordem e a subordinação entre os escravos, pois contava com o beneplácito da Igreja Católica, o que conferiu à manifestação um sincretismo religioso, mas também fazia dela mais um instrumento de controle social no Brasil Colônia.

As nações de maracatu apresentam-se nas ruas com uma rica indumentária, composta de veludo, pedrarias e bordados. Seu cortejo é formado por inúmeras figuras como: rei, rainha, dama-de-honra da rainha, dama-de-honra do rei, príncipe, princesa, ministro, embaixador, duque, duquesa, conde, condessa, vassallos, damas-de-paço (que carregam as bonecas conhecidas por *calungas*, detentoras do axé do maracatu); porta-estandarte, escravo sustentando a umbrela ou pálio (espécie de guarda-sol que protege o casal real), batuqueiros, caboclos de pena, baianas, entre outros.

A musicalidade desse brinquedo é formada tão somente por instrumentos de percussão, tais como tarol, gonguês, alfaias, caixas de guerra, atabaques e abês. A música vocal denomina-se toada e inclui versos de origem africana. O batuque é conduzido pelo mestre de apito e cada nação de maracatu possui sua própria batida.

A sede de um maracatu geralmente funciona também como um terreiro de candomblé. Entre os fins do século XIX e a década de 40, quando sofreram uma intensa perseguição policial, os maracatus eram utilizados pelos praticantes das religiões afro-descendentes como um “refúgio” para o exercício da sua religiosidade.

Nos anos 90, com o sucesso e prestígio obtidos pelos maracatus de baque virado, surgiram, ao lado das nações de maracatus (que compartilham uma forte religiosidade afro-descendente e estão ligados a comunidades carentes do Recife), grupos percussivos, formados por jovens de classe média, interessados na musicalidade dos batuques.

A fim de garantir a preservação e valorização dessa rica manifestação cultural, a Fundarpe – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico – solicitou o Registro desse folguedo com vistas ao seu reconhecimento enquanto Patrimônio Imaterial brasileiro.

Lívia Moraes e Silva – Janeiro de 2009. Historiadora do Programa de Especialização em Patrimônio – PEP – da Fundarpe.